

Traduzido por André Becker Saidenberg

Sumário

- 2 Mensagem do Diretor de operações - Steve Milpacher
- 3 Bem vindos de volta – Papagaios-do-Congo libertados
- 6 Novidades sobre as Cacatuas-das-Palmeiras
Identificação vocal e visual
- 10 Fascinação com os Kea
A experiência de um cientista
- 14 Comportamento de destruição de penas
Encontrando soluções (parte 1)
- 18 Psitta News
Eventos e Notícias
- 19 Contatos do WPT
- 20 Psitacídeos na Natureza: Kea

Mensagem do Diretor de operações - Steve Milpacher

O que você pensa quando escuta o termo “bem estar” em relação aos psitacídeos? Você poderá pensar em suas próprias aves e lembrar-se de nutrição, treinamento, enriquecimento e um espaço generoso para chamar de lar. E o que é resgate? Reabilitação? Esses termos significam diferentes coisas dependendo do contexto. Seria a sua definição relacionada a aves de estimação nos países desenvolvidos ou aves selvagens nas nações em desenvolvimento? De qualquer maneira, você pode pensar em reabilitação como um processo de restaurar algo, como um psitacídeo, de volta a uma vida normal; num local que esteja vivendo bem e idealmente prosperando.

Para aves de estimação, a reabilitação pode ser necessária em casos de ferimentos, doença, abandono, ou maus tratos. Em psitacídeos selvagens, no entanto, a reabilitação é frequentemente necessária quando as aves são “resgatadas” do comércio ilegal e tem a sorte de serem candidatas para retornar à natureza.

Graças aos esforços pioneiros de uma legião crescente de parceiros na linha de frente no programa FlyFree do World Parrot Trust, a reabilitação de psitacídeos selvagens está acontecendo com maior frequência. Por causa dessa cooperação internacional sem precedentes, milhares de aves capturadas na natureza foram poupadas de um destino incerto. Nas nações em desenvolvimento onde o acesso a recursos é escasso e a preocupação com a vida selvagem é, frequentemente por necessidade, secundária às necessidades humanas, isso é um feito formidável.

Para aqueles que acreditavam que essa atitude era impossível de ser realizada ou irreal, eu os encorajo a ler sobre os últimos esforços de soltura em Uganda (página 3) e ler o encarte da FlyFree nessa edição. Mudanças extraordinárias estão acontecendo. E para aquelas centenas de indivíduos preocupados com os animais, voluntários, organizações, fundações, equipes e patrocinadores que compartilharam nossa visão e apoiaram a FlyFree, nós oferecemos nossos maiores agradecimentos por fazerem parte deste movimento uma realidade.

Melhores desejos,

Steve Milpacher
Diretor de Operações

Nas capas

FRENTE Dois Papagaios-do-Congo (*Psittacus erithacus*) parecem ligeiramente surpresos nos seus primeiros momentos de liberdade depois de uma provação de seis meses. Eles fazem parte de 270 aves confiscadas na fronteira de Uganda – República Democrática do Congo em Janeiro de 2011. Após meses de cuidados e reabilitação eles foram libertos em Julho, trazendo essa espécie de volta à Uganda. © Uganda Wildlife Education Centre.

VERSO Um Kea (*Nestor notabilis*) dança no início da manhã no Parque Nacional Mount Cook na Ilha sul da Nova Zelândia. Os Kea são mais ativos ao amanhecer e anoitecer e são altamente inquisitivos, frequentemente interagindo com os visitantes alpinos. Os pesquisadores estão aumentando o conhecimento e conscientização deste psitacédeo montanhês frequentemente caluniado. Leia Fascinação com os Kea, página 10. © Andrius Pašukonis

Karibu!

Karibu nyuma parrots kijivu! (suaíli)

Bem-vindos de volta Papagaios-do-Congo!

Os Papagaios-do-Congo (*Psittacus erithacus*) estavam extintos da maior parte de Uganda, um país da África central, na parte leste de sua área de distribuição anterior. ESTAVAM extintos, até que 224 papagaios, confiscados de traficantes foram libertos no Parque Nacional Kibaale em 28 de Julho de 2011.

Você primeiro ouviu sobre estas aves no artigo “Papagaios fazem notícia” (*PsittaScene*, Fevereiro de 2011). Eles eram os sobreviventes de 272 aves confiscadas em dois carregamentos em Janeiro de 2011 pela Autoridade de Vida Selvagem de Uganda (UWA). Todos foram levados ao Centro de Educação de Vida Selvagem de Uganda (UWEC) para avaliação e reabilitação para soltura. O World Parrot Trust através da campanha FlyFree, proporcionou orientação, assistência técnica e recursos para preparar novamente as aves para a liberdade.

Parece simples: basta libertar as aves, certo? Mas na realidade existem muitas variáveis envolvidas. De onde vieram? Em que condições estão? Quantos são? Imagine ter quase 300 papagaios chegando subitamente de uma vez. Quem poderá reclamar a quem pertencem? Quem tem o treinamento e os recursos para avaliar e lidar com as aves? Alimentar e manejar? Acertar a sua liberação? Encontrar um local e monitorar o seu progresso?

Essas aves chegaram à UWEC em péssimas condições. Como é o costume, elas estavam horrivelmente encaixotadas em contêineres de madeira superlotadas, muito sujas e sob grande stress, desidratação e com vários ferimentos traumáticos. Elas não tinham recebido comida ou água por um período desconhecido. Se já é difícil quanto é imaginá-las nessas condições, é ainda mais conceber como retirá-las dessas condições horríveis até o prospecto de serem liberadas. Essa realidade é uma das principais razões que o

World Parrot Trust começou a campanha FlyFree dois anos atrás. Nosso objetivo é terminar completamente com esse tipo de comércio de modo que as aves não sejam submetidas a esse tipo de tratamento. Embora isso ainda ocorra, nosso objetivo é retornar papagaios como esses à natureza sempre que possível. Para conseguir isso necessitamos de parceiros no local, prontos para ação, quando e onde a necessidade chame.

Felizmente, as coisas funcionaram perfeitamente em Uganda. As aves foram confiscadas pelas pessoas certas – a Autoridade de Vida Selvagem de Uganda, uma agência governamental – e foram levadas para o lugar certo – o Centro para Educação de Vida Selvagem de Uganda, um zoológico particular que exibe a vasta biodiversidade do país. A UWA não colocou as aves num limbo jurídico em condições de manejo inadequadas enquanto esperavam pelo julgamento no tribunal. Tampouco os jogaram em um centro despreparado sem condições de abrigar aves.

A UWEC, embora desafiada, estava pronta para as aves. O médico veterinário chefe, Dr. Noel Arinteireho, já havia trabalhado com o WPT nos Camarões, quando fizeram a triagem do grande carregamento de Papagaios-do-Congo que denominamos os 500 Papagaios-do-Congo (*PsittaScene*, Novembro 2010).

Imediatamente após sua chegada, as aves foram separadas em grupos de acordo com a sua condição física. Suas necessidades médicas imediatas foram atendidas e os mais saudáveis foram logo transferidos para um aviário. Havia uma forte motivação em limitar a quantidade de tempo que as aves deveriam passar em uma situação de cativeiro. Enquanto que a equipe da UWEC resolveu as complexas questões legais e políticas requeridas para a soltura, dois locais potenciais foram identificados onde as aves poderiam sobreviver, se alimentar, nidificar e multiplicar. A segurança foi cuidadosamente considerada para proteger contra a recaptura e finalmente a equipe de manutenção e veterinários visitaram a floresta para avaliar o local definitivo proposto para a construção de um recinto temporário.

Levou uma semana para limpar uma pequena área e construir um aviário de aclimação utilizando os materiais disponíveis localmente. Enquanto isso as caixas de transporte foram projetadas e construídas para garantir uma transferência segura.

Em 20 de Julho os papagaios deixaram o centro indo para sua nova casa no Parque Nacional de Kibaale. Eles puderam se acostumar ao ambiente da soltura por uma semana antes que as janelas de cima do aviário fossem abertas e os grasnados e guinchos animados comesçassem. A mídia estava presente e as esperanças foram aumentando. Logo 50 dos mais corajosos se aventuraram para fora. Alguns voltaram rapidamente para dentro buscando a segurança e apoio dos companheiros e do recinto. Outros voaram em volta e retornaram, como que para dizer o que haviam descoberto. Mais aves se juntaram e isso continuou, com cada grupo retornando da mesma maneira para levar os “convertidos”. Lentamente, porém definitivamente, essas aves resistentes tomaram um importante passo para retornar a sua espécie às florestas de Uganda. Essa é uma estória de sucesso para todos os envolvidos.

Nos dias imediatamente após a soltura...

Kwaheri na bahati nzuri (suáli)

Adeus e boa sorte!

Uma razão para o otimismo...

Em cada um dos últimos quatro anos, o World Parrot Trust foi chamado para proporcionar assistência emergencial para milhares de Papagaios-do-Congo confiscados de carregamentos ilegais. Embora sejam horríveis as imagens de aves machucadas, maltratadas e com medo frequentemente obscurecem um objetivo maior. Na verdade existem muitas razões para o otimismo – principalmente procedimentos (cotas de exportação), apreensões (confiscados) e ações (solturas).

Em 2001, sete países permitiram a exportação de 30.450 Papagaios-do-Congo (incluindo 7.740 *P. timneh*). Em 2011, somente dois países mantêm cotas de exportação totalizando 9.000 papagaios (todos *P. erithacus*). Em adição a essa diminuição de 70% das cotas de exportação, houve um aumento considerável de apreensões em vários países. E por último com a ajuda da nossa campanha FlyFree, quase 4.000 Papagaios-do-Congo foram salvos do comércio e estão sendo devolvidos à natureza.

www.parrots.org/flyfree

Fotos

Uma multidão se reúne para testemunhar um pequeno milagre – mais de 200 Papagaios-do-Congo no dia da soltura. O resultado positivo dessa estória agrupou a atenção da mídia nacional e internacional ajudando a aumentar a consciência e esforços educacionais para terminar o tráfico de psitacídeos dentro do país.

Um aumento dramático de apreensões em países como Camarões e Uganda, requereram a necessidade de protocolos de reabilitação e soltura aperfeiçoados. O World Parrot Trust está trabalhando com parceiros nesses países através de nossa campanha FlyFree para levar papagaios confiscados de volta à natureza.

Novidades sobre as Cacatuas-das-Palmeiras

Escrito por Christina Zdenek & The World Parrot Trust

Eu aponteí meu microfone direcional apontando para a vocalização e me dirigi através da grama tropical da altura de meus ombros antes que finalmente consegui ter um vislumbre da atividade. Uma batalha épica estava prestes a ocorrer. Um macho rival realizou um vôo direto em direção ao macho residente sentado próximo ao oco do ninho na árvore.

Eles se encontraram em pleno ar, rosnando e lutando até que atingiram o solo. O rosnado continuou por longos cinco segundos, provavelmente deixando um, senão ambos com ferimentos. Essa batalha, para mim, representa vividamente o valor dos raros ninhos de alta qualidade no mundo cada vez mais desafiador da Cacatua-das-Palmeiras.

Durante minha pesquisa recente e passei até seis meses por ano vivendo em um abrigo de duas paredes chamado “humpy” adjacente às remotas florestas tropicais no norte da Austrália. O propósito: descobrir como melhor estudar as Cacatuas-das-Palmeiras. Eu avaliei a eficiência de duas técnicas não invasivas para identificar e monitorar indivíduos de Cacatuas com o passar do tempo sem capturá-los.

INDIVIDUALIDE VOCAL envolve gravar digitalmente suas vocalizações para utilizar para análise acústica, muito similar a uma impressão digital.

IDENTIFICAÇÃO FOTOGRÁFICA envolve tirar fotos de perfil de alta resolução dos rostos das aves para identificá-las, de modo muito parecido a que se realiza com as nadadeiras de golfinhos e baleias. A técnica também tem sido utilizada com outros psitacídeos tais como as Araras-de-garganta-azul (*Ara glaucogularis*) e Araras-azuis (*Anodorhynchus hyacinthinus*). Leia *PsittaScene* 19.2 (Maio de 2007) e 18.4 (Novembro de 2006).

Essa pesquisa é particularmente importante porque não existem atualmente outras alternativas de trabalho para identificar indivíduos de Cacatuas-das-Palmeiras dentro da população. Não é viável colocar anilhas coloridas nas aves adultas. Acaba sendo muito difícil e demorado capturá-las e podem facilmente se estressar. Além do mais, essas aves tem boa memória e são muito inteligentes, portanto podem muito bem evitar as áreas de captura tendo como resultado reduzir consideravelmente a área de habitat de qualidade. Eu espero que meus esforços não somente proporcionem uma importante ferramenta de pesquisa, mas também uma visão muito necessária dentro do status de conservação da Cacatua-das-Palmeiras e seu comportamento singular.

Então o que conseguimos ao identificar indivíduos em uma população? A resposta tem a ver com a estrutura etária populacional e a história de vida da Cacatua-das-Palmeiras. Devido a que essas aves vivem por tanto tempo (estimados 40-60 anos; aves em cativeiro podem alcançar 90 anos), os problemas com o recrutamento populacional podem ser mascarados com uma população persistente, mas envelhecendo progressivamente. Por exemplo, grandes incêndios no final da estação seca queimam mais árvores do que incêndios menores do início da estação. Como resultado, as aves tem maior probabilidade de perderem os ninhos em cavidades porque as árvores mortas (porém ainda de pé) são vulneráveis aos incêndios maiores. Neste cenário cruel de regimes inapropriados de incêndios, as árvores fontes de alimento ainda podem estar disponíveis para manter a população viva por décadas, enquanto que a falta de árvores para nidificar causa grande efeito no recrutamento.

A história de vida da Cacatua-das-Palmeiras pode exacerbar esse problema. Elas se reproduzem muito lentamente com os casais tentando nidificar uma vez a cada 2.2 anos em média e invariavelmente fazendo postura de somente um ovo. Elas também tem um baixo sucesso reprodutivo, com um filhote bem sucedido a cada 10 anos em média. Portanto se simplesmente monitorarmos o número de indivíduos, sem conhecer sua idade ou quantos estão se reproduzindo com sucesso, obtemos apenas parte da história. Além disso, ao determinar a viabilidade a longo prazo da população como um todo (por exemplo seu status de conservação), as informações de aves individuais é particularmente importante quando cada ave vive por tanto tempo.

Após dois anos e meio de pesquisa formidável nessa espécie esquiva e remota, eu realmente consegui contribuir para um melhor entendimento de ecologia comportamental aplicada das Cacatuas-das-Palmeiras. Eu pude diferenciá-los individualmente nas características vocais, o que foi um bom começo para identificar indivíduos. No entanto, de maneira a identificá-los com o passar do tempo utilizando suas vocalizações, eu primeiro tive que garantir que a maneira que os indivíduos vocalizam não muda com o passar do tempo (como quando mudam de territórios, ou simplesmente ficam mais velhos). Embora não tenha sido capaz de testar essa hipótese extensivamente, os testes preliminares sugerem que as vocalizações não são estáveis com o passar do tempo. Essa é a notícia ruim. A boa notícia é que a identificação fotográfica do bico e rosto mostram serem promissores para a identificação individual e garantem maiores estudos.

Nesse processo assustador, confuso e frequentemente frustrante de se tornar uma linguista de Cacatuas-das-Palmeiras, eu descobri que sua linguagem é mais complexa e extensiva do que a maior parte das espécies de psitacídeos. Existem diversas teorias interessantes sobre o porque. Parece que suas vocalizações tem uma função territorial e de atração de parceiros – similar a de aves canoras – enquanto que a maior parte dos psitacídeos usam as vocalizações para coordenar bandos, separações-fusões em sua sociedades.

Eu também descobri que as Cacatuas-das-Palmeiras fazem duetos. Em situações raras e específicas, os casais realmente coordenam uma vocalização tão precisamente que somente a habilidade de análise super-refinada que eu desenvolvi durante esse estudo poderia discernir que eram duas aves em um dueto. Eu não sei como elas fazem, mas imagino que os casais que fazem isso tão bem estão pareados e aperfeiçoando a técnica por anos, talvez décadas.

Apesar de que a minha pesquisa se concentrou em compreender as Cacatuas-das-Palmeiras de modo que possamos aplicar melhor estratégias de manejo, o objetivo mais amplo do projeto é utilizar a Xx como uma espécie bandeira para toda a Península do Cabo York – um local realmente único onde as espécies da Austrália se mesclam com as da Nova Guiné. E embora o meu “humpy” não era muito luxuoso, observar as batalhas épicas, os machos batucando, e vivendo a 50m da floresta tropical foi realmente uma experiência única na vida.

Christina Zdenek estudou as Cacatuas-das-Palmeiras sob a supervisão do Professor Rob Heinsohn e Naomi Langmore de Fevereiro de 2009 a Julho de 2011 como parte do Fulbright Postgraduate Fellow patrocinado pelo governo americano. A sua tese foi aceita para o título de Mestrado na Universidade Nacional da Austrália.

Fotos:

Esse casal nidificando está no meio da troca de lugar no ninho. O macho chegou para substituir a fêmea a liberando de suas tarefas de incubar durante a noite. Ele irá incubar o dia inteiro e a fêmea irá vir substituí-lo novamente à noite.

Barra lateral

Cacatua-das-Palmeiras - (*Probosciger aterrimus*)

As Cacatuas-das-Palmeiras são grandes psitacídeos negros que podem chegar até 60cm de altura, pesar mais de 1 Kg e são famosas mundialmente pelo seu comportamento singular de tocar “bateria” (acima). Os machos ocasionalmente fabricam baquetas de galhos verdes de árvores e os utilizam para bater na borda das cavidades ocas das árvores. Essa exibição formidável, única no reino animal, é um exemplo fascinante da criação de ferramentas e seu uso por um animal num contexto não relacionado ao forrageamento.

As Cacatuas-das-Palmeiras são nativas da Nova Guiné e algumas ilhas costeiras. Na Austrália elas ocorrem somente na ponta mais à nordeste, dentro e ao redor das florestas tropicais da Península do Cabo York. Apesar de que os números em Cabo York sejam considerados em permanecerem razoavelmente altos, a perda de habitat para retirada de alumínio e a degradação do habitat através do manejo inapropriado do fogo são as ameaças atuais para essas aves icônicas.

Fotos disponíveis:

UM PRESENTE MARAVILHOSO PARA VOCÊ OU PARA UM AMIGO! AS MAGNÍFICAS FOTOS DAS Cacatuas-das-Palmeiras POR **Steve Murphy and Brian Venables** estão entre as dezenas de imagens a escolher de nossa galeria de fotos.

- Papel brilhante de alta qualidade.
- Disponível em tamanho Pequeno (8”x10”) ou Médio (11”x13.8”)
- Uma moldura contemporânea preta opcional com 3” de bordas brancas e acrílico com proteção UV

Visite www.parrots.org/palms para ver as imagens e a vasta opção de molduras.

Fascinação pelo Kea

Artigo e fotos por Andrius Pašukonis

Se eu te perguntasse para imaginar uma paisagem montanhosa acidentada, qual seria a primeira criatura que viria à mente? Seria uma águia? Um cabrito montês? Que tal um papagaio montês? Um conceito que eu quase não conseguia fazer entrar na minha cabeça menos de um ano atrás, a ideia de um papagaio numa montanha agora virou perfeitamente natural.

Existe apenas um local onde você irá aprender a fazer essa conexão – a Ilha Sul da Nova Zelândia, lar do único psitacídeo alpino do mundo: o Kea (*Nestor notabilis*). Endêmico da Nova Zelândia, os Kea vagueiam numa das regiões montanhosas mais espetaculares do mundo, os Alpes do Sul.

Um local único para esses habitantes únicos, e os Kea preenchem esse requerimento numa miríade de formas. Relembrando minha aventura com essas aves incríveis, eu percebo que foi o primeiro encontro que tive com um Kea que definiu o resto da minha experiência na Nova Zelândia.

Eu viajei da França para a Nova Zelândia como parte do programa de Mestrado em comportamento animal, me unindo à equipe de jovens pesquisadores na Universidade de Canterbury para participar de um projeto a campo sobre a comunicação acústica dos Kea. No dia após minha chegada, sentando em cima de um cume exposto da montanha, eu olhei para baixo em direção ao vale observando a área esperançosamente.

Subitamente o chamado inequívoco “keeee-ah” me fez levantar rapidamente. Eu olhei em volta ansiosamente, mas nada apareceu. Conforme me sentei, escutei algo distante como um tilintar metálico, que primeiro atribuí à minha má percepção devido ao jet lag. Alguns minutos mais tarde o tilintar ocorreu novamente, essa vez mais perto. Eu virei minha cabeça e encontrei cara-a-cara com um rosto de falcão, curiosamente me encarando de volta a menos de dois metros de distância. Um longo e curvado bico e dois olhos escuros virava de lado, como se tentando ter uma perspectiva diferente de mim.

Conforme a ave se coçava vagarosamente, duas anilhas coloridas de metal tilintaram na sua perna. As anilhas são usadas pelos pesquisadores para marcar os Kea para reconhecimento individual. Ainda me encarando, a ave chamada de Hamish, propositadamente pegou um pequeno graveto na minha frente. Ele então se afastou um pouco como se para mostrar que esse graveto era a única razão para que tivesse aparecido. Só então o sol apareceu.

O que parecia à primeira vista como uma plumagem verde oliva subitamente se refletiu em todos os tons de verde e azul. A ave pulou, surfando numa rajada de vento e mostrando o vermelho vivo de suas penas de baixo da asa. Ele jogou o graveto no ar e pousou graciosamente no solo. Outra volta ao meu redor e ele desapareceu atrás das árvores não sendo visto outra vez nessa tarde.

Essa breve interação revelou ao menos dois atributos essenciais do Kea. Primeiro, os Kea são extraordinariamente curiosos. A curiosidade é a sua melhor arma contra as difíceis condições alpinas, onde nenhuma fonte de alimento é confiável e onde nenhum predador nativo se encontra.

Cada objeto novo em seu território, seja uma das centenas de espécies de plantas da montanha, uma carcaça, ou mesmo um carro de turistas ao lado da estrada da montanha ou um escalador num cume alto, é uma fonte de comida ou divertimento em potencial. Em segundo, os Kea são altamente imprevisíveis. Num momento eles são barulhentos e chamativos, ganhando o apelido de “palhaço das montanhas”. Num segundo mais tarde, podem ser silenciosos como uma pedra, se mesclando com a vegetação nativa e praticamente impossíveis de serem descobertos.

Os Kea voluntariamente interagem com pessoas, o que os faz serem muito atraentes para estudos comportamentais, exceto que suas aparições são tão previsíveis quanto o clima da montanha. Uma vez que você está no território do Kea, eles decidem quando te proporcionar uma audiência e por quanto tempo. Um dia um bando de Kea desceu sobre nós às 5 da manhã, mas iam embora antes que pudéssemos mesmo sair do saco de dormir, enquanto que no dia seguinte uma ave iria ficar em volta toda a noite colocando a sua cabeça dentro de nossas tendas e mordiscando nossos sacos de dormir.

Apesar de algumas dificuldades em conciliar nossa agenda de trabalho com a natureza volátil dos Kea, o tempo que conseguimos passar na sua presença era sempre emocionante e completamente absorvente. Além disso, os Kea pareciam frequentemente entretidos pela nossa presença tanto quanto estávamos com as deles. É justamente essa cativação mútua que faz com que a relação entre humano-Kea seja tão especial, mas também extremamente delicada.

Infelizmente, sempre que as pessoas ficam fascinadas por algo, o objeto de sua afeição frequentemente está em risco. Algumas pessoas adoram os Kea, enquanto outras os perseguem. De 1860 a 1971 o governo patrocinou um massacre matando próximo de 150.000 Kea devido à alegação de que os Kea estavam matando e se alimentando das ovelhas.

Essa alegação, apesar de verdadeira, era grandemente exagerada. Desde 1986 os Kea tem sido totalmente protegidos, mas os ataques continuam. Infelizmente Hamish, o Kea que primeiro encontrei e sua parceira Penelope, estavam entre as oito vítimas recentes.

Mesmo alguns visitantes bem intencionados acabam por prejudicar os Kea ao encorajar sua natural personalidade atrevida com alimento nutricionalmente deficiente e os atraindo para áreas ocupadas por humanos onde os riscos são numerosos.

Eu acredito que uma relação de respeito equilibrada entre Kea e humanos é de grande importância para ambos os lados. No entanto, o respeito é algo que a educação sem uma experiência pessoal dificilmente realiza. Não é suficiente estudar a dinâmica populacional dos Kea; também precisamos estudar a perspectiva dos Kea.

Cada indivíduo de Kea conta – não apenas por sua contribuição para variabilidade genética, mas por causa da experiência coletiva que compartilham com outros Kea assim como com alguns de nós. Eu estou convencido que os planos para conservação devem utilizar a sensibilidade humana para fazer a conexão entre animais e pessoas mais pessoal e, portanto mais atrativo.

Se você puder conhecer os Alpes do sul, aproveite a oportunidade e vá além dos resorts de montanha e mirantes de estrada e vá para o lar dos Kea. Seja respeitoso e paciente, e você poderá receber uma visita, que irá definir seu próprio relacionamento com essas aves fascinantes. Então na próxima vez que você pensar em uma paisagem montanhosa, pode não ser o cabrito montês que primeiro virá à sua cabeça.

Agradecimentos: Quero agradecer aos meus professores na Universidade de Paris XIII e a Dra. Ximena Nelson da Universidade de Canterbury por permitir que esse projeto ocorra. Principalmente eu quero agradecer aos candidatos a Doutorado Raoul Schwing e Amanda Greer por me receber me guiar através dessa experiência única.

Andrius Pašukonis desenvolveu interesse sobre a natureza ao crescer na Lituânia. A sua fotografia nasceu de sua paixão pela observação. Ambas levaram a um interesse em comportamento animal e oportunidades de pesquisa nos EUA e Nova Zelândia. Andrius está agora começando seu Doutorado em comunicação acústica em rãs e aves na Universidade de Viena.

Fotos:

Hora de brincar! Os atrevidos Kea são famosos por sua curiosidade. Dois filhotes emplumados brincam de lutar (acima). Outro passatempo favorito é interagir com os turistas e fotógrafos e seus veículos. Os Kea tem especial prazer em destruir juntas de borracha, antenas e similares.

País dos Kea: As deslumbrantes vistas das montanhas na Ilha Sul da Nova Zelândia são frequentemente o pano de fundo para esse psitacédeo único de grandes altitudes.

Pesquisa: Transmissores de radio permitem que indivíduos de Kea sejam monitorados. Capturá-los requer precisão com uma arma de rede.

Verde sobre verde: A natureza dupla dos Kea é refletida em sua plumagem: marcante e vistosa em movimento e ainda assim sutil e camuflada quando estão comendo ou descansando.

Na mão: Um exame físico rápido permite a colocação de um transmissor. Um Kea curioso é voluntário para ser pesado.

Enriquecimento e treinamento de psitacédeos

Páginas PET

Contribuindo nessa edição, Pamela Clark, uma autora bastante conhecida, palestrante e consultora de comportamento de psitacédeos cuja experiência com psitacédeos data desde 40 anos atrás com a compra de seu primeiro casal de agapórnis. Seus interesses especiais incluem arrancamento de penas, treinamento, vôo e nutrição.

☎ (503) 606-0235

✉ clark.exotics@thegrid.net

🌐 www.pamelaclarkonline.com.

Para outros conselhos dos experts em psitacídeos visite www.parrots.org Forums, Experts & Bloggers

Comportamento destrutivo de penas

Encontrando soluções (Parte 1)

Cleo tinha apenas 13 meses de idade quando eu a encontrei pela primeira vez – uma cabeça perfeitamente feminina de Papagaio-do-Congo empoleirada sobre um mal vestido corpo – a maior parte das penas foram removidas incluindo a sua cauda e penas primárias. Sua dona veio a mim angustiada e se sentindo culpada, incerta do que estava errado e desesperada para ajudar sua amada Papagaia.

O comportamento de destruição de penas (CDP) se tornou bastante comum entre os psitacídeos de companhia. Também se tornou um comportamento amplamente aceito – somente “algo que psitacídeos em cativeiro fazem.” Os donos, frustrados pelas suas tentativas mal sucedidas em parara esse comportamento, acabam por desistir em aceitação, assegurando a si mesmos que pelo menos a ave parece feliz e saudável. Esse é o caso de algo “ruim se tornando normal”, emprestando a frase da autora e respeitada expert em comportamento Temple Grandin. Quando qualquer psitacídeo destrói as suas próprias penas, é um sinal de que algo está errado e uma intervenção é necessária. Embora nem todo caso de CDP possa ser resolvido, muitos podem ao se realizar um exame holístico e compreensivo de todos os aspectos da vida do psitacídeo e fazendo melhorias onde é indicado.

A definição de CDP, apelidada de arrancamento de penas, é qualquer destruição auto-inflingida das penas. Isso pode incluir arrancar as penas completamente com o bico ou pés, mastigá-las arrancando do corpo, barbeando (tirando pedaços pequenos), ou destroçando as bárbulas da haste central. Não inclui a auto-mutilação (mastigando a pele até criar um ferimento). Embora a destruição de penas e a auto-mutilação possam ocorrer no mesmo indivíduo, o CDP não necessariamente leva à auto-mutilação.

Frequentemente as soluções iludem os donos porque não existe um completo reconhecimento da complexidade do problema. Na maior parte dos casos, diversos fatores trabalham juntos para empurrar a ave até o limite em direção a esse comportamento extremo. Existe frequentemente um desencadeador, um evento particular que inicia o comportamento. Por exemplo, descobriu-se que Cleo tinha sido desmamada muito cedo com uma dieta baseada em sementes, tinha recebido um corte de penas muito curto, e não recebia o enriquecimento ambiental que haveria levado ao desenvolvimento de independência comportamental.

Com a idade de seis meses, os donos a deixaram sozinha por um período longo, ficando com uma pessoa desconhecida, e neste momento começou a mastigar as penas. A ausência do dono foi culpada, quando na verdade foram as outras condições e experiências que predisuseram Cleo a desenvolver o problema.

Os fatores de risco podem ser divididos em tendo causas médicas e não tendo. Eu frequentemente ouço o termo “comportamental” para descrever a destruição de penas de um indivíduo. No entanto, esse termo é inútil e deve ser evitado. Nós sabemos que a destruição de penas é um comportamento. Portanto essa rotulagem não nos diz nada e acaba a nos levar a um beco sem saída, em termos de se identificar possíveis soluções.

As causas médicas podem incluir (1) infecções (bacterianas, virais, fúngicas ou parasitárias), (2) problemas metabólicos (hepatopatia), (3) condições endócrinas (problemas na tireoide), (4) neoplasias, ou (5) toxicidade por metais. Causas sem origem médica incluem (1) dietas inapropriadas, (2) stress crônico ou ansiedade, (3) aumento na produção de hormônios reprodutivos, (4) falta de habilidades para brincar independentemente que levam ao tédio e superdependência em relação ao dono, (5) oportunidades inadequadas de banho, (6) falta de descanso adequado, (7) exercício insuficiente, (8) oportunidades insuficientes para aprendizado e fazer escolhas, (9) falta de forrageamento e outras oportunidades de “descobrimto”, (10) falta de acesso ao ar livre e sol, e (11) substâncias estranhas nas penas ou exposição a materiais tóxicos, tais como fumaça de cigarro. Mesmo que seu psitacédeo não esteja atualmente destruindo as penas, qualquer desses fatores, se presente, deve ser corrigido agora de maneira a prevenir o problema ocorrendo no futuro.

Algumas dicas do que seja a causa pode ser derivadas da observação de onde o comportamento começa no corpo e onde ocorre durante o dia. Um psitacédeo que começa a arrancar as penas das asas e da cauda, ou que barbeia as penas, é provável de estar fazendo isso por razões sem origem médica. Um psitacédeo que destrói as penas sobre as costas pode também estar fazendo isso sem origem médica. Um psitacédeo que destrói as penas somente à noite quando deveria estar dormindo, pode na verdade estar sofrendo de uma doença física que causa desconforto quando as distrações do dia não estão mais presentes.

Independentemente de qualquer dessas dicas, o primeiro passo para resolver um problema de CDP deve ser um exame completo feito por um médico veterinário especializado em aves e com experiência com este problema. Se você levar seu psitacédeo para um veterinário e nenhum exame diagnóstico for recomendado, procure uma segunda opinião. Não é possível descartar as causas médicas simplesmente ao se fazer um exame físico. Embora não exista um protocolo reconhecido para se trabalhar com um psitacédeo que arranca penas, os exames típicos podem incluir um hemograma completo, perfil bioquímico, Esfregaço por Gram ou cultura e sensibilidade, coproparasitológico e possivelmente radiografias.

Após descartar as causas médicas, a melhor chance de resolução é então examinar cada uma das áreas listadas abaixo e fazer melhorias onde seja necessário.

Dieta e Nutrição: Psitacédeos ingerindo uma mistura de sementes como parte principal da dieta, ou que regularmente consomem grandes quantidades de gordura e carboidratos, estão sob risco de CDP. As misturas de sementes contém quantidades insuficientes de vitamina A para apoiar o sistema imune, e também tem grandes quantidades de gordura predispondo um psitacédeos a problemas como lipídose hepática.

Você deve fazer a transição de um psitacédeo numa dieta de sementes para uma dieta de alta qualidade balanceada e então suplementar com quantidade moderada de alimentos frescos e crus, concentrando-se em vegetais, legumes e grãos. Ensinar um psitacédeo a comer uma deita melhor é somente isso – uma questão de treinamento. Se você não for capaz de fazer essa transição por si só, então procure a assistência de um profissional que conhece como fazer isso efetivamente sem causar stress desnecessário durante o processo.

A quantidade total de gorduras e carboidratos na dieta devem ser limitadas. Os psitacédeos instintivamente são “programados” para se empanturrar com esses alimentos. Isso os ajuda muito na natureza, onde os gastos energéticos são significativos. No entanto, em cativeiro esses mesmos

psitacídeos facilmente se tornam “viciados” em carboidratos exigindo diariamente a sua parte em arroz, purê de batatas, frutas e massas. A melhor regra é evitar alimentar qualquer alimento que contenha farinha de trigo, que tenha qualquer tipo de açúcar listado nos primeiros cinco ingredientes, ou que contenha qualquer gordura trans. Frutas muito doces, tais como bananas e uvas, devem ser evitadas em preferência a aquelas que oferecem uma melhor nutrição tais como bagas.

Stress crônico e ansiedade: Todos os psitacídeos de estimação passam por algum stress porque estão em cativeiro, vivendo em um estado de contenção crônica. Esse stress pode ser aumentado perigosamente através de muitas condições presentes em nossas casas. Essas variam desde projetos de reforma, ameaças de outras aves, gaiolas colocadas na frente de janelas, a presença de roedores à noite, uma incapacidade de voar para longe de ameaças se as asas estão aparadas. Uma análise completa e objetiva do ambiente deve ser realizada para identificar as causas de stress.

Então mudanças práticas devem ser feitas sempre que possível, sem se tornar superprotetoras da ave. Se um amigo vêm visitar usando um chapéu e o psitacídeo tem medo do chapéu, você deve pedir ao amigo para retirá-lo. Chapéus não são necessários para dar qualidade de vida a um psitacídeo. Por outro lado, se um brinquedo novo causa uma reação de medo, você deve implementar um plano de dessensibilização permitindo que ele se acostume ao olhá-lo em primeiro lugar, e então finalmente aprender que isso tem um valor para entretenimento.

Uma fonte significativa de stress para a maior parte dos psitacídeos de estimação é sua incapacidade de voar. Um psitacídeo que não pode se mover segundo a sua vontade não será capaz de fazer uma série de escolhas comportamentais que são suas por direito e sabendo instintivamente isso, caso apareça um perigo, ele seja impossibilitado de fugir.

É a minha esperança que nós nos modifiquemos para uma maneira de ser mais moderna e benevolente de cuidar de nossos psitacídeos de estimação, de modo que cada ave seja avaliada como candidata para voar e que ter psitacídeos com capacidade de vôo em casa será um dia a regra, tal como em outros países. Certamente existem riscos em casa para um psitacídeo que voa, mas também existem riscos para aves com asas aparadas.

Manter aves com capacidade de vôo pode ser feito de maneira segura através do manejo correto do ambiente e treinamento bem feito em casa. A transição entre um psitacídeo com penas cortadas para um status onde pode voar deve ser feito com a ajuda de um profissional que convive com sucesso com aves que voam.

Produção de hormônios reprodutivos: Esse talvez seja o fator mais comum contribuindo para o CDP em psitacídeos adultos. Psitacídeos selvagens vivem naturalmente em um estado hormonal inativo pela maior parte do ano. Eles entram no status reprodutivo quando as condições ambientais se unem para propiciar a reprodução e criação dos filhotes. Infelizmente essas mesmas condições frequentemente estão presentes de maneira contínua em nossos lares.

As causas primárias que os donos propiciam e acabam por aumentar os hormônios reprodutivos são: (1) a presença de um parceiro (frequentemente entre o psitacídeo e o humano), (2) a capacidade de fazer interações de uma maneira afetuosa com o parceiro (cafuné, acariciar atrás e abaixo das asas, ficar no ombro), (3) a presença de uma área considerada como ninho (acesso a guarda-roupas, gavetas, armários, caixas de papelão, etc.), (4) uma dieta cheia de nutrientes que contenha muitos carboidratos e gorduras, ou muita comida como um todo, e (5) um grau de falta de mudanças no ambiente (sem desafios para aceitar

novas experiências). Uma causa adicional pode ser a presença de outros psitacídeos próximos também ativamente em estado reprodutivo.

O aumento na produção de hormônios é fundamental e um problema primário que leva a diversos problemas comportamentais, em adição à CDP. Portanto, fazer mudanças nessa área torna-se crítico. Se você achar que sua ave desenvolveu uma ligação de casal com você, tente desenvolver essa ligação através da redução do tempo no ombro, e reduzindo e eliminando as carícias.

Ao invés disso inicie um treinamento com guloseimas ou outras atividades que irão levar a sua ave a se relacionar com você de uma maneira diferente. Também desencoraje qualquer comportamento sexual, tais como regurgitação ou esfregar a barriga contra as roupas ou mãos, ao colocar a ave em outro poleiro e redirecionar para um comportamento mais apropriado.

Muitos donos proporcionam caixas de papelão, gavetas vazias, ou deixam suas aves brincar em armários sabendo que isso os deixa muito felizes. E realmente os deixa. Psitacídeos ficam muito animados com a oportunidade de até mesmo sentar em uma área considerada para nidificar.

No entanto, isso deve ser desencorajado consistentemente. Um psitacídeo com acesso permitido a essas áreas não somente irá sofrer o estímulo iminente da produção de hormônio que essas atividades excitantes desencadeiam, mas irá logo começar a demonstrar uma forma de territorialismo com essas áreas que frequentemente se torna bastante inconveniente para o dono que quer pegar outro par de sapatos do armário.

Banho, ar fresco e sol: Eu irei discutir estes em conjunto porque todos contribuem enormemente para a qualidade das penas. Muitos casos de comportamento de danificar penas podem ser melhorados simplesmente ao se aumentar as oportunidades para tomar banho. Os psitacídeos devem ser banhados durante a manhã, de modo que tenham muito tempo para secar antes de irem dormir à noite. Um banho diário pode ser proporcionado para aqueles psitacídeos que se divertem com isso. No mínimo, um banho semanal deve ser encorajado. Ter acesso a um aviário externo onde a ave irá experimentar o vento, chuva e sol também irá encorajar à limpeza normal das penas.

Descanso: As necessidades de descanso variam entre indivíduos e espécies. Psitacídeos jovens, ou aqueles com origem no novo mundo, são mais propensos a necessitar ao menos 10 horas de sono à noite. Papagaios-do-Congo adultos e algumas cacatuas frequentemente ficam bem com apenas oito a nove horas de descanso. Os donos devem usar o bom senso nesse tópico e perceber que, embora nós possamos estender o dia artificialmente, nossos psitacídeos estariam naturalmente dormindo durante as horas de escuridão.

Exercício: Um psitacídeo que tenha permissão para voar irá se exercitar naturalmente por si só. Encorajar o exercício para psitacídeos com asas aparadas pode ser desafiador. No entanto, alguns poleiros pendurados podem ajudar. Alguns exemplos são o *Spring Swing* (encoraja bater as asas) encontrado em www.motherpluckinbirdtoys e o *Get A Grip* (encoraja a escalda) encontrados em www.estarbird.com. Alguns psitacídeos irão se divertir brincando de buscar algo e trazer de volta ou de esconde-esconde no chão.

Substâncias estranhas ou tóxicas: Os donos devem estar conscientes de que substâncias transferidas para as penas através das mãos podem ser desagradáveis para as aves. Evite comer enquanto você está cuidando de seu psitacídeo. Lave bem as mãos todas as vezes após fumar. Se você toma banho com sua

ave, assegure-se que todo sabão e xampu sejam enxaguados completamente de suas penas antes de sair do chuveiro.

Próximos passos: Uma vez que você tenha avaliado as áreas descritas acima e feito mudanças onde seja necessário, será o momento de lidar com a área mais importante para uma resolução bem sucedida do problema – modificação de comportamento e treinamento. Isso inclui prover enriquecimento adequado e então ensinar a ave a ficar ocupada o que será discutido na PARTE 2 deste artigo, publicada na próxima edição da *PsittaScene*.

Fotos:

O comportamento de destruição de penas, comumente chamado de “arrancamento de penas” é qualquer destruição auto-inflingida das penas. Embora isso tenha se tornado aceitável por muitos donos é um sinal de que algo está errado e intervenção é necessária.

A destruição de penas pode incluir arrancar penas completamente com o bico ou pés, mastigá-las arrancando do corpo, retirando pequenos pedaços (barbear), ou destroçar as bábulas da haste central.

A recuperação é possível! Essa é a mesma ave mostrada na página 14 com a destruição de penas completamente solucionada. A resolução requer primeiro uma análise completa de cada aspecto da vida do psitacédeo.

Eventos

Phoenix Landing Foundation 3 de Dezembro, de 2011 (4:30-7:30 pm) Fairlington Presbyterian Church Alexandria, Virginia, EUA

A Phoenix Landing Foundation apresenta “A vida no lado selvagem na África,” um evento noturno para apoiar o World Parrot Trust. **Steve Milpacher** irá discutir o trabalho do WPT para ajudar os psitacédeos africanos na natureza. O WPT encoraja soluções efetivas que protejam os psitacédeos, incluindo a realização e apoiando projetos de conservação a campo; trabalhar para eliminar o comércio internacional de psitacédeos selvagens; e aumentar a consciência sobre as dificuldades enfrentadas na natureza e em cativeiro. Leilões e rifas para apoiar os projetos do WPT. Hor d’oeuvres a serem distribuídos.

 www.phoenixlanding.org

 phoenixlanding@earthlink.net

Treinamento com Ciências e Arte. 14-19 de Janeiro, 2012, NEI training Facility Winter Haven, Florida, EUA

Esse workshop de cinco dias feito por Steve Martin, Susan Friedman e pela equipe do Natural Encounters Inc (NEI) irão ultrapassar as suas expectativas de todas as maneiras. Ao se concentrar na aplicação prática da ciência de aprendizado e comportamento você irá desenvolver as habilidades para moldar e mesmo modificar os mais desafiadores comportamentos.

Esse workshop oferece um equilíbrio de palestras inspiradoras e experiência prática em pequenos grupos com aves da extensiva coleção da NEI. É o local ideal para acomodar os diversos níveis de treinamento.

 www.naturalencounters.com
 info@naturalencounters.com
 +1 407-938-0847

Conferência anual IAATE 15-18 de Fevereiro, 2012 Crowne Plaza Hotel & Suites Bloomington, Minnesota, EUA

O tema é dando a volta completa. A Associação Internacional de Adestradores de Aves e Educadores (IAATE) foi fundada em Minnesota em 1993. Essa vigésima conferência representa 20 anos de colaboração, compartilhando ideias, experiências e conhecimento.

Realizado no Zoológico de Minnesota, a conferência de 2012 irá contar com James Gilardi do World Parrot Trust como palestrante principal. Jamie irá falar sobre o papel do Trust em desenvolver, apoiar e implementar a conservação de psitacídeos e projetos educacionais ao redor do mundo.

 www.iaate.org
 cfo@iaate.org
 +1 407-808-9254